



CRÓNICA

CÁ POR MIM

Alice Vieira



A CAMISOLA VERDE

Não sou mulher de superstições.

Nunca fui.

Sempre convivi muito bem numa mesa de 13 pessoas, não me afligem gatos pretos atravessando-se no meu caminho, não me ralo nada se alguém estiver a ler o (meu) jornal por cima do meu ombro, não me preocupo se abrirem chapéus-de-chuva dentro de casa, não acredito que uma carteira pousada no chão possa afastar o dinheiro dos meus bolsos, e se não gosto de cabides em cima da cama é apenas por uma questão de arrumação (ou falta dela). Não passo por debaixo de andalimes, não por superstições mas apenas porque me parece perigoso, desde o dia em que uma placa caiu de um andar, aterrou no meu peito e lá fui eu de charola para o hospital.

Mas desde há muitos anos (e quando digo "muitos" é mesmo "muitos...") que não transijo num pormenor: nunca me visto de verde.

Não tem a ver com nenhuma superstição daquelas que o povo conhece, nem tem nada a ver - juro! - com qualquer acto ostensivo de repulsa sportinguista. Sou irremediavelmente benfiquista, todos o sabem, mas bem-educada.

Digamos, portanto, que é mania minha.

Mania assente em factos de tempos idos, quando eu

era muito jovem, vivia longe da pátria e pensava que todos os amores eram eternos. Quando um dia descobri que não eram, senti-me a pessoa mais infeliz do Mundo e, talvez porque me encontrava na cidade mais romântica do mundo, decidi tomar a atitude romântico-heróica de nunca mais na vida me vestir de verde, que era a cor da saia que eu vestia nessa manhã de despedidas. (Vá, podem rir à vontade que eu espero.)

Eu sei que já se passaram 46 anos desde esse dia, e que outros amores eternos entretanto avançaram, e encheram o meu coração. Mas a verdade é que nunca mais me vesti de verde.

Nunca mais.

Já fiz uma ou outra tentativa, caramba!, não nos podemos deixar levar por palermices da pré-história da nossa vida, e ainda experimentei um lenço timidamente às riscas verdes e brancas (oferecido no Brasil, num congresso de que já não me recordo...), uma *t-shirt* com uma barra verde nas costas, uma coisa assim.

Acabei sempre por desistir. Sentia-me mal, nada daquilo tinha a ver comigo.

Nunca conseguia explicar porquê, mas era assim como se me sentisse a cometer uma traição, e com certeza que os deuses me iriam castigar por isso.

Filhos e amigos, que nunca souberam da história, não entendiam, achavam apenas uma tolice e rematavam sempre:

- Tu nem és de superstições!

Só a minha neta mais velha - a única pessoa que sabe tudo da minha vida - é que percebia a razão, embora, entre dois sorrisos me dissesse: "Ó avó, mas já passaram tantos anos!".

Até que há dias tomei uma atitude verdadeiramente heróica.

Tinha sido convidada para um programa de televisão, em directo, e a única recomendação que me tinham

dado era "não vista riscas nem bolas".

Foi então que pensei:

- É agora! Nada melhor para acabar de vez com esta tolice.

Vai daí, no próprio dia da emissão (para não me arrepender à última da hora...) entrei no El Corte Inglés (desculpen lá a publicidade...) subi por aquelas escadas acima, e vá de mexer em todas as camisolas que encontrava para ver se descobria alguma que me pudesse servir para a ocasião.

Finalmente encontro uma camisola verde, verde mesmo, verde a sério, verde-que-te-queiro-verde. Nada de hesitações, pago, peço que tirem todas as etiquetas porque - confesso à empregada, espantada com a minha pressa - "é para usar já!".

Com ela vestida meti-me num táxi e corri para os estúdios.

Prendem-me um microfone à camisola (verde), e lá me sentam ao lado da jornalista, que está ligada pelo ouvido à *régie* onde - segundo depreendo - lhe estão a dar alguma ordem de última hora.

Ela diz-me qualquer coisa muito baixinho e eu não ouço, e ela tem de repetir, mas só à terceira vez é que eu a entendo:

- Da *régie* estão a perguntar se não se importa que a sua camisola vá aparecer azul em vez de verde... É que o cenário atrás de si é verde, e por isso temos de mudar a cor, senão não se distingue nada. Vai aparecer de azul... Não se importa?

E lá apareci no ecrã. De azul.

E lá enfiei a camisola verde para o fundo mais fundo de uma gaveta, onde nunca mais lhe toquei, e donde só a hei-de tirar daqui a algumas semanas para oferecer a alguém como prenda de Natal.

Tenho a certeza de que este foi um aviso dos deuses. E, pelo sim, pelo não, o melhor é não os provocar.

